

HISTÓRIA EM QUADRINHOS E QUADRO HISTÓRICO DE UMA SOCIEDADE AFRICANA PÓS-COLONIAL

COMICS AND HISTORICAL BACKGROUND OF A POST- COLONIAL AFRICAN SOCIETY

Sílvio Marcus de S. Correa

RESUMO: Passado mais de um ano do golpe militar contra o governo do presidente Kwame Nkrumah (1909-1972), uma história em quadrinhos sobre a vida do major-general Emmanuel Kwasi Kotoka (1926-1967) foi publicada em Accra. Yaw Boakye Ghanatta foi o autor e ilustrador dessa narrativa visual apologética de um dos primeiros golpes militares na África pós-colonial. A partir dos estudos em cultura visual, notadamente dos *comics studies*, o presente artigo aborda um dos primeiros trabalhos de HQ de procedência africana do período pós-colonial e discute sobre a relação entre história e ficção, independência e neocolonialismo em contexto africano. Mostra-se ainda como Ghanatta apropriou-se de valores e elementos visuais ocidentais, bem como de uma ideologia de modernização que serviu a certas elites africanas no poder. Em termos metodológicos, optou-se por uma análise qualitativa da HQ intitulada *Price of Freedom* (1967) e comparativa com outras narrativas sobre o golpe de Estado no Gana em 1966.

PALAVRAS-CHAVE: Gana; Golpe Militar; Kotoka; Ghanatta.

Editor-Gerente
[Ivaldo Marciano de Franca Lima](#)

ABSTRACT: More than a year after the military coup against the government of President Kwame Nkrumah (1909-1972), a comic strip on the life of Major General Emmanuel Kwasi Kotoka (1926-1967) was published in Accra. Yaw Boakye Ghanatta was the author and illustrator of this apologetic visual tale of one of the first military coups in postcolonial Africa. Like studies in visual culture, especially comics studies, this article offers a critical analysis of one of the first African comics of the postcolonial period and of the relationship between history and fiction, independence and neocolonialism in an African context. It also shows how Ghanatta appropriated Western values and visuals, as well as an ideology of modernization in the service of certain African elites installed in power. A qualitative approach was adopted, both in an analysis of the visual narrative of the comic *Price of Freedom* (1967) and in a comparative approach with other narratives of the 1966 Ghana Military coup.

KEYWORDS: Ghana; Military Coup; Kotoka; Ghanatta.

Sílvio Marcus de Souza Correa ¹

Histórias em quadrinhos e os quadros históricos africanos

Nos últimos anos, o continente africano tem a sua história revisada, reinventada e simulada em história em quadrinhos, doravante HQ. Muito do que se encontra na produção visual e textual dessa “arte sequencial” é a fantasmagoria da África e o simulacro do colonial. No mercado editorial em língua portuguesa, encontram-se alguns exemplos como os dois últimos álbuns da série de aventuras de Jim del Monaco, intitulados *O Cemitério de Elefantes* e *Ladrões do Tempo*, de Louro e Simões, publicados respectivamente em 2015 e 2017.

Um outro exemplo de HQ portuguesa que evoca a África colonial é *Congo, um mundo esquecido*, de Henrique Gandum, publicado em 2018. A aventura tem por cenário algum lugar na África do final do século XIX, onde, além das selvas, dinossauros fazem parte da paisagem africana. Uma África fantasmagórica surge como suspensa no tempo. Em HQ, a África nem sempre tem um quadro histórico preciso, embora toda a ficção seja um efeito do real.

Último exemplo é a série *Ermal*, de Miguel Santos, publicada pela editora Escorpião Azul entre 2017 e 2019. No primeiro volume, tem-se o seguinte roteiro: “A Guerra Fria aqueceu e as superpotências devastaram o hemisfério norte com fogo nuclear. O 25 de Abril nunca aconteceu. Milhares de refugiados fogem das ruínas de Portugal para o Ultramar, onde os novos senhores da guerra competem com os últimos resquícios do império.” Na segunda aventura de *Ermal*, “a sociedade reajustou-se de forma violenta nas colônias. A antiga ordem colonial reinventou-se e fundou a cidadela, uma cidade-estado sempre acossada por guerrilheiros coletivistas”. No último volume, tem-se a continuação da história num contexto de distopia, pós-guerra nuclear.

As três aventuras de Miguel Santos transcorrem num cenário caótico, onde impera a lei da selva, a lei do mais forte. Grupos militares e paramilitares fazem acontecer. Tratam-se de histórias que partem do tempo condicional e no qual uma guerra nuclear ocorreu e o 25 de abril

¹ Professor do Departamento de História, Coordenador do Laboratório de Estudos de História da África (LEHAF) do Centro de Filosofia e Ciências Humanas - Universidade Federal de Santa Catarina. silvio.correa@ufsc.br
O presente trabalho foi realizado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq, proc. n.312449/2017-8).

nunca aconteceu. A narrativa ficcional de *Ermal* opera com estereótipos de uma África subjugada à violência de grupos guerrilheiros.²

No mercado editorial em língua francesa, uma copiosa produção de HQ tem a África por roteiro e cenário. Algumas edições buscam ser fidedignas a novelas ou relatos como *Kongo e Congo 1905*, baseadas respectivamente no *Coração das Trevas*, de Joseph Konrad, e no último relatório de Pierre S. de Brazza, publicado somente em 2014, com prefácio e notas da historiadora Catherine Coquery-Vidrovitch. Publicada em 2018, a HQ *Congo 1905*, de Vincent Bailly e Tristan Tihl, demonstra uma sintonia entre a historiografia e a banda desenhada francesas.

Outras publicações recentes tratam do período conturbado da independência do então Congo belga, como os dois volumes de *Katanga*, dos franceses Fabien Nury e Sylvain Vallée, publicados em 2017. O genocídio em Ruanda de 1994 foi também tema dos seguintes álbuns: *Deogratias*, do belga Jean-Philippe Stassen; *La Fantaisie des dieux*, dos franceses Patrick de Saint-Exupéry e Hippolyte; e, *Rwanda 1994*, com argumento de Cécile Grenier e Alain Austini e ilustração do artista congolês Pat Masioni.

Esses poucos exemplos de HQ remetem a acontecimentos do período colonial, ou dos anos de luta pela independência, e mesmo da história mais recente de países africanos e dão uma ideia da diversidade de roteiros e abordagens, sem considerar a riqueza de estilos e técnicas de desenho e narrativa visual. Algumas publicações têm mais um cariz humorístico, de paródia da cultura visual não apenas de HQ, mas também de série televisivas e de filmes como Tarzan ou Jim das Selvas. Outras têm mais aproximação com a história colonial ou pós-colonial, demandaram pesquisa e mesmo coleta de material de apoio (entrevistas, fotografias etc.) para argumento e ilustração. Apesar do excelente trabalho desses autores e ilustradores, há sempre o risco de tolher certos aspectos da realidade histórica pela imaginação ou pela ficção.

O número crescente de publicações de HQ nos últimos anos, cujos roteiros ou cenários têm a ver com África, dificulta qualquer análise sobre as novas tendências. No entanto, pode-se aventar a hipótese que uma abordagem mais crítica predomina, ao menos nas HQ's de edições francesas, bem como um maior interesse pela história dos séculos XIX e XX. Embora muitos autores e ilustradores de HQ tenham interpelado seu público leitor com temas que entrelaçam as histórias dos impérios coloniais com aquelas das nações africanas, nem sempre a abordagem pode ser considerada anticolonial ou pós-colonial. Para ficar num exemplo, o autor e ilustrador português António Vassalo publicou na década de 1990 algumas aventuras em África cujo

² Sobre o então chamado Congo português, os massacres de 1961 fizeram parte da história da HQ intitulada *As Cinzas da Revolta*, de Miguel Peres e Jhion, publicada em 2012 pelas Edições Asa. Nessa HQ, os membros da UPA aparecem de forma caricata como figuras sanguinárias com suas catanas.

conteúdo tem um cariz conservador próprio da nostalgia colonial tão comum em livros de memórias de portugueses retornados.

Embora alguns historiadores já tenham tratado de álbuns de HQ e sua interface com o colonialismo (PIERRE, 1993; JANNONE, 1995; DELISLE, 2003; MCKINNEY, 2011), as fontes ou objetos de estudos se limitam à produção de HQ de países europeus. Cabe lembrar a constituição de um campo próprio às histórias em quadrinhos na Europa a partir dos meados do século XX (BOLTANSKI, 1975). Esse período de constituição de um campo próprio da HQ coincide com o início do processo de independência dos países africanos. Nessa altura, uma HQ foi publicada em Accra. Trata-se de uma primeira HQ que aborda o golpe militar num país africano.

Traçando histórias (também) em quadrinhos

Em meados de 1967, foi publicada a HQ intitulada *Price of Freedom*. O autor e ilustrador Yaw Boakye Ghanatta fez da vida do major-general Emmanuel Kwasi Kotoka (1926-1967) um exemplo de martírio em nome da liberdade. De modo didático e numa narrativa linear, Ghanatta traçou em dezenas de páginas a trajetória de um suposto herói nacional desde o nascimento até a sua morte.

O jurista e parlamentar Nii Amaa Ollennu (1906-1986) advertiu no seu prefácio que “este pequeno livro não tem a pretensão de ser manual de história.” Porém, reconheceu que o autor e ilustrador “conseguiu admiravelmente atingir o seu objetivo ao registrar num fácil estilo popular e numa forma legível alguns dos eventos já conhecidos de nossa história recente.” Por isso, “ele merece a nossa gratidão e congratulações”, afirmou Ollennu em sete de julho de 1967.³

O “fácil estilo popular” que Ollennu fez alusão em seu prefácio nada mais é que a história em quadrinhos. Também conhecida por banda desenhada, ela já tinha um público leitor acostumado com as “tirinhas” nas páginas de jornais ou com aventuras em quadrinhos nos suplementos ilustrados da imprensa internacional, notadamente de língua inglesa e francesa. Algumas dessas bandas desenhadas publicadas originalmente em jornais foram também editadas sob a forma de álbuns desde a década de 1930.⁴ Esse “fácil estilo popular” não tardou para conquistar um público infanto-juvenil não apenas das colônias africanas, mas também em países como o Brasil.

Não cabe aqui retomar toda a polêmica gerada pelo sucesso desse “fácil estilo popular”. No final da década de 1940, Gilberto Freyre foi um dos sociólogos que defendeu a história em

³ Cf. Preface (GHANATTA, 1967, p. 4).

quadrinhos e discordou daqueles que a consideravam uma ameaça à “boa literatura” ou um exemplo da americanização da cultura, etc. Porém, o autor de *Casa-Grande & Senzala* defendeu uma adaptação da HQ em contexto tropical, onde outras histórias poderiam ser contadas.⁵

Em meados do século XX, esse “fácil estilo popular” circulava também em várias partes da África. Além de caricaturas, encontram-se “tirinhas” em vários periódicos da imprensa colonial. Geralmente, os desenhistas eram de origem europeia e influenciados pelas imagens satíricas e pelas bandas desenhadas da imprensa metropolitana. A partir das independências africanas, a imprensa nacional passa a empregar ilustradores africanos em maior número. Em Gana, o caricaturista Yaw Boakye Ghanatta colaborou com o jornal *Accra Evening News* antes de publicar a sua HQ *Price of Freedom*. De sua autoria, duas caricaturas merecem um rápido comentário.

Na primeira delas, intitulada *Nkrumah – The Vicious Octopus*, o ex-presidente de Gana aparece como um polvo gigante que mantém para si - e de forma tentacular - a liberdade, a democracia, as mercadorias, a justiça, a saúde, a votação livre e a liberdade de expressão. Ghanatta vale-se do recurso da metamorfose tão recorrente nas imagens satíricas da imprensa ilustrada que representavam corporações ou instituições como um terrível monstro marinho e cujos tentáculos encerram um território, uma nação, um povo ou confiscam seus direitos. Para o caricaturista Yaw B. Ghanatta, o governo de Kwame Nkrumah era uma ditadura que usurpava uma série de direitos do povo. A imagem de um polvo com seus tentáculos se multiplicou na imprensa satírica e humorística desde o último quartel do século XIX. Sua aparição pode estar relacionada à imagem terrível da lula gigante de *Vingt mille lieues sous les mers* (1869), de Jules Verne. A imagem serviu para encarnar certas instituições como a Igreja, mas também o capitalismo ou o imperialismo.⁶ A caricatura *Nkrumah – The Vicious Octopus* foi publicada no *Accra Evening News*, em primeiro de março de 1966, ou seja, uma semana depois do golpe militar que pôs fim ao governo de Nkrumah.

No dia seguinte (02.03.1966), outra caricatura foi publicada no mesmo jornal. Intitulada *The Timely Rescue*, tem-se, novamente, a caricatura do ex-presidente de Gana sob a forma de um monstro. Dessa vez, tem-se uma referência explícita à famosa caricatura de Edward L. Sombourne, que mostra um africano, emaranhado no cipó do qual se extraía a seiva da borracha,

⁴ Publicada originalmente no suplemento de um jornal católico da Bélgica, a aventura *Tintin au Congo*, de Hergé, tornou-se um dos mais controversos álbuns da história da banda desenhada belga.

⁵ Entre 1948 e 1951, Gilberto Freyre publicou uma série de artigos sobre histórias em quadrinhos na revista *O Cruzeiro* com os seguintes títulos: *Histórias para meninos* (13/11/1948); *Outra vez as histórias em quadrinhos* (5/02/1949); *Histórias em quadrinhos* (24/06/1950); *A propósito de histórias em quadrinhos* (31/06/1950); *Ainda as histórias em quadrinhos* (8/07/1950); *A propósito de histórias em quadrinhos, nacionalismo e internacionalismo* (9/06/1951).

⁶ Ver por exemplo: *La Pieuvre de Loyola*, caricatura publicada em *La Calotte, Comique illustrée de Paris* (30/11/1906).

tornar-se vítima de um “cipó-cobra” com o semblante do rei belga Léopold II.⁷ Na caricatura de Sambourne, o enlace mortal vale como metáfora à exploração do trabalhador no Estado Livre do Congo. Sessenta anos depois da publicação dessa caricatura, a imagem satírica de *The Timely Rescue* aproxima o regime de Nkrumah àquele de Léopold II, como se o primeiro fosse uma versão interna do colonialismo.

Nota-se em ambas as caricaturas que Ghanatta valeu-se do recurso da metamorfose de um líder político em monstro para mostrar o quanto o seu regime tornara-se uma aberração. Percebe-se, outrossim, a cultura visual do artista que conhecia, provavelmente, algumas dessas imagens satíricas da imprensa europeia. Porém, essas caricaturas aparecem na imprensa após o golpe militar de 24 de fevereiro de 1966. Até então, as imagens satíricas do *Accra Evening News* tinham contribuído para o culto da personalidade do chefe de Estado e para o “Nkrumahismo”. O próprio Ghanatta, entre outros caricaturistas, havia emprestado o seu lápis para a hagiografia de Nkrumah na imprensa nacional. Como Thiks, Kweku e Samco, Ghanatta denunciou o imperialismo e o neocolonialismo, caricaturando seus fantoches na África (JALLOW, 2014, p. 84).

Após o Putsch militar, o *Accra Evening News* tem novos “donos” e a ordem imediata parece ter sido a desconstrução da imagem de Nkrumah.⁸ Para Baba Jallow (2014, p. 96), “o que Ghanatta realmente pensava de Nkrumah é impossível dizer por seu trabalho”. Como caricaturista do *Accra Evening News*, Ghanatta seguia a linha editorial do jornal, o que significa que, antes do golpe, devia adular o presidente e, depois do golpe, o governo militar. Porém, o caricaturista publicou um álbum sob o título *Cartoons - The Fall of a Tyrant: Kwame Nkrumah*, em 1966. Diferente da publicação de imagens satíricas num jornal, do qual depende o emprego do caricaturista, a edição de um álbum não deixa dúvidas sobre de que lado estava Ghanatta.

Após o golpe de 24 de fevereiro de 1966, Ghanatta mostra-se um crítico de humor mordaz do governo de Nkrumah, o que permite entender o seu nome como autor e ilustrador de *Price of Freedom*, história em quadrinhos sobre a vida e a morte do major-general Kotoka, um dos principais protagonistas do golpe. Com a publicação de seus dois primeiros álbuns em 1966 e 1967, Ghanatta ganhou mais notoriedade no meio artístico de Accra. Em 1969, ele fundou o *Ghanatta College of Art*, instituição que formou centenas de jovens artistas nos anos seguintes. Ao longo de sua carreira artística, ganhou prêmios por seus trabalhos tanto do *Arts Council* de Gana quanto de organizações estrangeiras.

Como informou Ollennu, no seu prefácio, a HQ *Price of Freedom* foi uma encomenda para angariar recursos para a *Kotoka Trust Fund*. Após a morte do general Kotoka no dia 17 de

⁷ *In the Rubber Coils. Scene - The Congo "Free" State*, caricatura publicada em *Punch* (28/11/1906).

⁸ Sobre a mudança da representação satírica de santo a demônio de Nkrumah, ver Jallow, 2014.

abril de 1967, Ghanatta trabalhou nessa história em quadrinhos que, pela primeira vez, abordava a decisiva participação militar nos destinos de uma nação africana.

Se o “fácil estilo popular” da HQ era já conhecido da juventude africana em meio urbano, Ghanatta inovou ao usá-lo para narrar a história de vida de um suposto herói nacional. O álbum *Price of Freedom* tem uma estrutura narrativa que pode ser dividida em cinco partes. Na primeira parte (p. 5-9), narra-se desde o nascimento de Kotoka numa aldeia de pescadores na então Costa do Ouro, até os seus 21 anos de idade quando ingressa na *Royal West African Frontier Force* em meados de 1947; na segunda (p. 10-18), destacam-se momentos de sua carreira militar ascendente e de sua participação em missões nas regiões de Kasai e Katanga no Congo, entre 1960 e 1963; na terceira (p. 19-26), tem-se o momento culminante de sua vida, ou seja, a sua participação no golpe militar de 24 de fevereiro de 1966; na quarta (p. 27-33), aborda-se a sua atividade em cargos junto ao governo militar; e, na última parte (p. 34-39), atribui-se à morte de Kotoka um significado patriótico como fiadora dos novos rumos de Gana.

Price of Freedom contém elementos de um messianismo cristão articulados à ideia de uma vocação militar. Desde a sua infância numa aldeia de pescadores, Kotoka parecia ter seu destino traçado. Depois de aprender os saberes locais na sua aldeia, o jovem Kotoka vai para uma escola missionária presbiteriana. Com a aquisição de novos saberes, o jovem não tardaria a tentar a sua sorte em Accra, onde entraria para as forças armadas em julho de 1947.

Após quase vinte anos de serviço militar, Kotoka conspira contra o regime de Nkrumah. Nos diálogos entre o coronel Kotoka e o major Afrifa, a confabulação é marcada por adjetivos como corrupto e despótico tanto para o regime quanto para Nkrumah. Após o golpe militar, um quadrinho de *Price of Freedom* ilustra a população nas ruas com cartazes de “Kwame Nkrumah ladrão” (*Kwame Nkrumah Thief-Man*) e “Adeus demônio” (*Goodbye Evil*). Algumas fotografias da população nas ruas de Accra após o golpe militar permitem inferir uma verossimilhança com o desenho de Ghanatta (p. 31). Provavelmente, o artista participou dessas manifestações populares ou viu algumas dessas fotografias nos jornais, pois algumas delas contêm cartazes com frases como “Ganenses estão livres agora” (*Ghanaians are now free*) ou “Nkrumah Sasabonsam”.⁹

Já a reconstituição da briga entre três jovens oficiais e Kotoka e das circunstâncias do assassinato desse último não passa de uma aproximação imaginativa. Do início ao fim da narrativa hagiográfica sobre a vida e a morte de Kotoka, Ghanatta deu vazão à sua visão de mundo em detrimento da ficção e da história. O conteúdo ideológico de sua narrativa deforma os acontecimentos e atribui um sentido messiânico à morte de Kotoka. Na penúltima página, uma

mãe consola sua prole dizendo que “Kotoka permanece conosco”, “através da liberdade que ele conquistou para nós”. E repete-se no último quadrinho: “Mas embora ele esteja morto, ele não foi esquecido. Seus bravos feitos vivem em nossas mentes e corações para sempre”.¹⁰

Apesar da narrativa de Ghanatta enaltecer a trajetória individual de Kotoka, fazendo dele um herói nacional, um mártir da liberdade do povo de Gana, a sua história em quadrinhos contém um protagonista maior do que o seu herói. Trata-se da instituição militar. Assim como na caricatura *The Timely Rescue*, Ghanatta acreditava que a “salvação” do Gana se fizera pela intervenção militar. Para Ghanatta, o exército era a instituição mais apta (moralmente e materialmente) para pôr fim ao regime de Nkrumah. Na versão do desenhista, o major-general Kotoka encarnava, ao mesmo tempo, a instituição militar e a vontade popular.

Neocolonialismo numa HQ

Na HQ *Price of Freedom*, o golpe de 24 de fevereiro de 1966 representou o fim de uma época de ditadura, de corrupção e descalabro econômico. Publicado em 1967, alguns meses depois da morte de Kotoka, essa HQ ilustra o neocolonialismo com suas componentes ideológicas tal como ele foi descrito no livro *Neocolonialismo, a última etapa do imperialismo*, de Kwame Nkrumah. O autor e ilustrador de *Price of Freedom* não podia perceber na altura o alcance desse seu trabalho enquanto documento de uma época. Ghanatta brindou o público leitor com uma narrativa visual dos acontecimentos que, hoje, pode ser também lida a contrapelo.

Kwame Nkrumah escreveu alguns dos seus mais importantes livros quando ainda era presidente de Gana. Entre eles, destaca-se *Neocolonialismo*, publicado poucos meses antes do golpe de Estado de 24 de fevereiro de 1966. Nesse livro, o autor descreve as dificuldades de países africanos nos primeiros anos pós-independência. Apesar do destaque aos obstáculos econômicos que comprometiam a autodeterminação das jovens nações africanas, Nkrumah faz uma abordagem global do problema com exemplos de outros continentes para tratar do que chamou de “métodos neocolonialistas” e que operavam não apenas no campo econômico, mas também nas esferas política, religiosa, ideológica e cultural (NKRUMAH, 1967, p. 281).

Fiel aos princípios da Conferência de Bandung, Nkrumah seguiu defendendo o não-alinhamento do Gana, baseado na cooperação entre Estados soberanos. Em sua autopsia do neocolonialismo, Nkrumah apontou para os riscos de golpes de Estado para travar a revolução

⁹ Sasabonsam é uma figura malévola do folclore axante. Ver por exemplo: https://www.britishmuseum.org/collection/object/E_Af1935-1212-1 Para uma fotografia de manifestações populares nas ruas de Accra, ver: Cooper, 2012: 300.

¹⁰ No original: *But though he's dead, he's not forgotten. His brave deeds live on in all our minds and hearts forever more.*

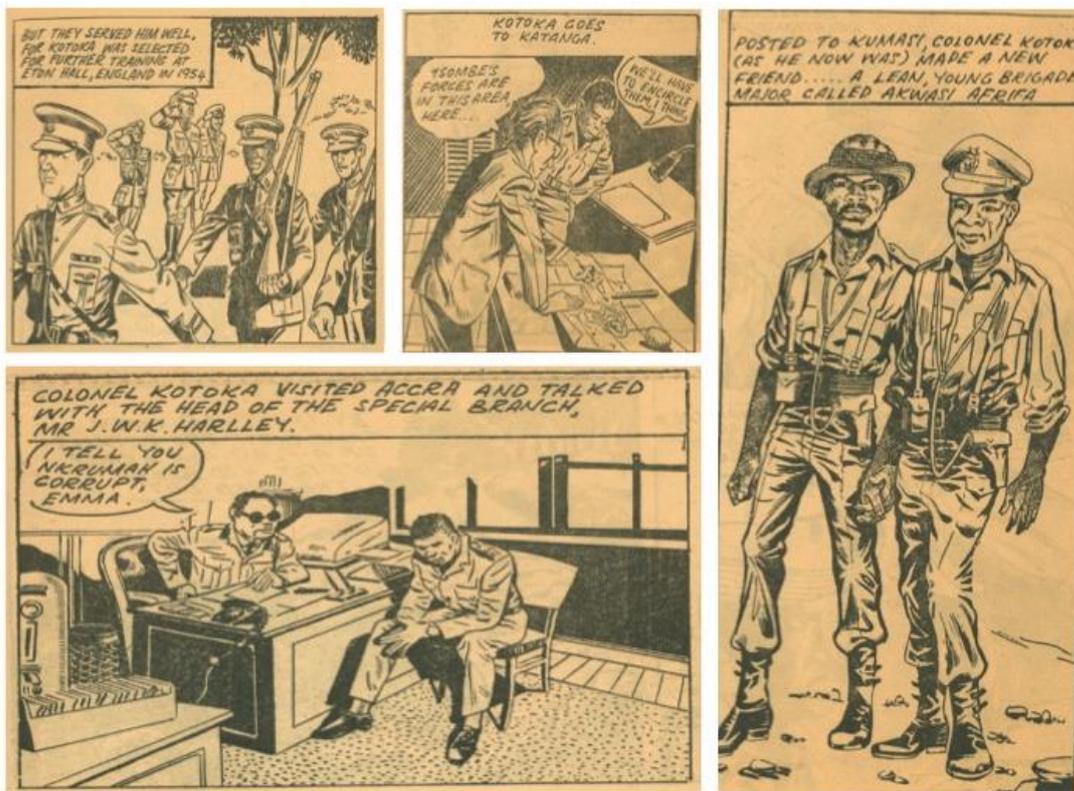
africana. Apesar dos avanços e recuos dos movimentos de libertação e dos países já independentes, o autor afirmava o seu otimismo, pois o neocolonialismo era visto por ele como o último estágio do imperialismo. O neocolonialismo seria mais um sintoma da fraqueza do imperialismo do que da sua força (NKRUMAH, 1967, p. 299).

Ironicamente, o receio de Nkrumah se confirmou e a falta de unidade africana favoreceu uma sucessão de golpes de Estado no continente. O presidente deposto pôde dar a sua versão dos fatos no livro *Dark Days in Ghana*, publicado em 1968. No seu exílio na Guiné-Conacri, Nkrumah escreveu sobre aqueles dias sombrios desde a notícia do golpe de 24 de fevereiro de 1966, quando ele se encontrava em visita oficial em Pequim, até os dias subsequentes. Ainda nesse livro, Nkrumah trata de acontecimentos ocorridos em Gana nos anos de 1966, 1967 e 1968, inclusive do assassinato de Kotoka.

A narrativa do presidente deposto sobre o golpe de 24 de fevereiro de 1966 contrasta com aquela da HQ *Price of Freedom* em vários pontos. Além disso, Ghanatta deixou de ilustrar alguns momentos anteriores e posteriores ao golpe militar. Para ficar num exemplo, o golpista Kotoka, o “herói” de Ghanatta, matou a queima-roupa o major-general Barwah na presença de sua família e deu ordem para eliminar os sete oficiais de segurança que estavam na casa de Barwah. O próprio Kotoka teria se gabado do seu “juju” protetor quando matou Barwah, “juju” que não lhe protegeu dos tiros em 17 de abril de 1967, como bem lembrou Nkrumah em tom sardônico (1968, p. 22).

A leitura de *Dark Days in Ghana* permite contextualizar alguns acontecimentos e compreender o golpe militar de 24 de fevereiro de 1966 na chave de leitura do neocolonialismo em África. Nessa perspectiva, a personagem protagonista de *Price of Freedom* estaria mais para vilão do que para herói. Da mesma forma, o golpe militar em Gana representaria mais um retrocesso do que um avanço. Como havia apontado Nkrumah (1968, p. 97), após o golpe militar, o NLC (*National Liberation Council*) obrou para pôr fim ao legado socialista e à participação do Gana na “revolução africana”, inclusive com a suspensão de vários projetos de cooperação em curso com a Rússia e a China.

O neocolonialismo pode ser identificado em várias partes de *Price of Freedom*. Três exemplos são suficientes para demonstrar o mecanismo neocolonial que se ativa por meio de um golpe militar e que se encontram ilustrados nessa HQ: o primeiro deles remete à formação militar de Kotoka sob o comando de oficiais estrangeiros e com estágio na metrópole; o segundo, refere-se à sua participação em missões de cariz contrarrevolucionário no estrangeiro; e, o terceiro, alude à conspiração com outros oficiais que priorizam interesses pessoais e/ou “tribais” em detrimento daqueles nacionais. Os exemplos referidos acima podem ser observados nos respectivos quadrinhos abaixo:



Figuras 1, 2, 3 e 4, respectivamente páginas 11, 15, 19 e 21 de Price of Freedom (1967).

As figuras 1 e 2 mostram dois momentos da vida militar de Kotoka que se encaixam numa lógica contrarrevolucionária. Primeiro, o treinamento militar na metrópole e, depois, a participação em missão na região do Katanga. A figura 3 ilustra a amizade entre Kotoka e Afrifa que serve de metáfora ao tribalismo de coturnos. Já a figura 4 apresenta um diálogo decisivo entre Kotoka e Harley. Como observou Nkrumah (1968, p. 44), John Kofi Harley conhecia e confiava em Kotoka. “Eles pertenciam à mesma tribo (Ewe)”. Kotoka se aproximou ainda de outros oficiais, principalmente o major Akwasi Amankwa Afrifa, um axante. Para o ex-presidente, “sempre houve uma ligação estreita entre os elementos reacionários dos grupos Ewe e Axante”. Para Nkrumah, o “tribalismo” tinha servido ao colonialismo e a sua mobilização pelo exército e pela polícia – como também por certos partidos –, era uma característica do neocolonialismo.

História em quadrinho de uma sociedade africana pós-colonial

A história em quadrinhos do major-general Kotoka contém alguns elementos que podem ser considerados como arquétipos do golpe transcorrido em Gana e que teve suas similaridades em diferentes países africanos. Cabe lembrar que dez golpes de Estado ocorreram no continente

africano desde os primeiros anos da independência até o *Putsch* militar em Gana em 24 de fevereiro de 1966.¹¹

Depois do golpe de Estado que depôs o presidente Nkrumah, a cúpula militar atribuiu importantes funções políticas ao general Kotoka. Em 17 de abril de 1967, ele foi assassinado. O governo militar e a imprensa nacional fizeram dele um “mártir” do Gana, pois Kotoka fora um dos principais protagonistas do *Putsch* que pôs fim ao governo do primeiro presidente de Gana.

Nos anos seguintes houve mais 15 golpes de Estado no continente africano, o que perfaz um total de 25 golpes entre janeiro de 1963 e janeiro de 1970.¹² O golpe de Estado de Gana se inscreve num processo de militarização da política africana. Uma análise desse fenômeno social permite inferir os limites da interpretação de Ghanatta sobre o golpe de 24 de fevereiro de 1966. Sua narrativa visual mostra a intervenção militar como uma ação “salvacionista”. Acontece que o estudo das dezenas de golpes ocorridos entre 1963 e 1973 no continente africano embasa uma outra interpretação sobre o intervencionismo dos militares e seus desdobramentos nas sociedades africanas pós-coloniais.

Em seu último livro, *Os Condenados da Terra*, Frantz Fanon apontou para o papel das forças armadas nos novos regimes africanos. Ele faleceu antes dos primeiros golpes de Estado no continente africano. Alguns desses golpes abriram o caminho para ditaduras que duraram décadas. Mas se Fanon não viveu para ver o efeito dominó desses golpes, Nkrumah não apenas foi vítima de um deles como também analisou a lógica dos primeiros golpes de Estado em seu conjunto. Segundo o intelectual pan-africanista:

A intervenção do exército, em matéria de política, é dirigida pela minoria privilegiada, ansiosa por defender seus interesses. Postos perante o fato consumado, os membros do exército não podem senão inclinar-se. Se em casos semelhantes, em África, um golpe de Estado permitiu a instauração de um regime menos reacionário, a maioria dos golpes de Estado foram perpetrados por militares burgueses, estreitamente ligados à burguesia burocrática e ao neocolonialismo, para assegurar a continuidade do capitalismo e frustrar os planos da revolução socialista africana (NKRUMAH, [1970] 2018, p. 58).

Em seu livro *Luta de Classes em África*, Kwame Nkrumah interpretou os golpes de Estado como uma forma de luta que visava a tomada do poder político. Para ele, esses golpes

¹¹ Os golpes de Estado foram os seguintes: Togo, em 13 de janeiro de 1963; Congo-Brazzaville, entre os dias 12 e 15 de agosto de 1963; Daomé (atual Benim), entre os dias 19 e 28 de outubro de 1963; Gabão, em 18 de fevereiro de 1964; República Centro-Africana, no dia primeiro de janeiro de 1965; Alto-Volta (atual Burkina-Fasso), em 4 de janeiro de 1965; Argélia, em 18 de junho de 1965; Congo-Kinshasa, em 25 de novembro de 1965; Daomé, em 22 de dezembro de 1965; Nigéria, em 15 de janeiro de 1966; e Gana, em 24 de fevereiro de 1966.

¹² Os golpes de Estado seguintes foram: Nigéria, em 29 de julho de 1966; Burundi, em 29 de novembro de 1966; Togo, em 13 de janeiro de 1967; Serra Leoa, em 24 de março de 1967; Daomé, em 17 de dezembro de 1967; Serra Leoa, em 18 de abril de 1968; Congo-Brazzaville, em 3 de agosto e 4 de setembro de 1968; Mali em 19 de

eram “reacionários e pró-imperialistas” e tinham por objetivo travar a revolução africana, o avanço do socialismo. No exílio, o ex-presidente do Gana refutava as teses de que a sucessão de golpes de Estado decorridos em África era corolário de regionalismos ou fruto de ações isoladas de alguns membros do exército ou da polícia descontentes com a incompetência, a corrupção e a crise econômica imputadas aos dirigentes políticos (NKRUMAH, 2018, p. 62). Em sua análise da luta de classes no continente africano, afirmou de forma lapidar o seguinte:

Na África, o inimigo interno, que é a burguesia reacionária, deve ser desmascarado: trata-se de uma classe de exploradores, de parasitas e de colaboradores de imperialistas e neocolonialistas, dos quais depende a manutenção das suas posições privilegiadas. A burguesia africana é essencialmente a continuidade da dominação e da exploração imperialista e neocolonialista (NKRUMAH, [1970] 2018, p. 103).

Na década de 1960, os ordenados dos oficiais das forças armadas de países africanos eram aproximadamente os mesmos do que os dos oficiais estrangeiros. “Consequentemente, a diferença de estatuto e de poder que separa os quadros do exército das suas tropas é considerável”, observara Nkrumah (2018, p. 59). Acrescenta que o elevado estatuto social dava aos oficiais africanos uma “arrogância insuportável”. O ex-presidente de Gana afirmava com conhecimento de causa que os exércitos regulares africanos eram mantidos à custa de uma grande soma do orçamento nacional (NKRUMAH, 2018, p. 58-59). Desse modo, a intervenção militar nos destinos dos países africanos tinha a ver com os interesses dos próprios militares em conluio com a chamada burguesia nacional.

Cada vez que o exército intervém na vida política, o faz como força social. Os golpes de Estado não são senão a expressão de uma luta de classes e do conflito que opõe o imperialismo à revolução socialista. Depois de tomar o poder, o exército dá sua adesão a um determinado partido (NKRUMAH, [1970] 2018, p. 58).

Na sua HQ, Ghanatta apresenta uma outra interpretação dessa força social. Porém, a sua narrativa visual contém certos elementos que foram contemplados na análise sociológica de Nkrumah sobre as claques reacionárias no seio das forças armadas. O que chama ainda atenção é a coincidência da sequência dos preparativos do golpe, desde a elaboração do plano até a sua execução e divulgação do fato consumado com as recomendações publicadas num artigo que Nkrumah se referiu em seu livro *Africa Must Unite*, de 1963. Pelo seu teor, cabe citar uma dessas instruções:

novembro de 1968; Sudão, em 25 de maio de 1969; Líbia, em primeiro de setembro de 1969; Somália, entre os dias

Desde o início do golpe, o público em geral deve ser mantido informado, não necessariamente sobre o que de fato se passa, mas pelo menos sobre o que os rebeldes desejam que eles acreditem. O objetivo disso é influenciar o público para ter uma reação desejada pelos insurgentes, não sendo necessário que as transmissões via radiodifusão correspondam à situação real.¹³

Na HQ *Price of Freedom* (1967, p. 29), o autor/ilustrador fez referência ao comunicado do major-general Kotoka pelo rádio naquela manhã do dia 24 de fevereiro de 1966. Como fez saber Nkrumah (1968, p. 23), o anúncio foi prematuro, pois uma hora depois do comunicado ainda havia resistência no Palácio Presidencial em Accra. Ghanatta reproduziu ainda em sua HQ uma versão pró-golpe na qual o mesmo corresponderia aos anseios da população. A maioria dos golpes de Estado em África foi perpetrada sem a participação das massas. “No entanto, uma vez realizado o golpe de Estado, fala-se de multidões que ‘entusiasmadamente’ aplaudem o golpe, e são cuidadosamente preparadas manifestações que visam fazer crer que os autores do golpe de Estado tiveram apoio das massas” (NKRUMAH, 2018, p. 62). Como já foi mencionado anteriormente, os desenhos sobre “o povo na rua” em *Price of Freedom* foram, provavelmente, inspirados em fotografias. Todavia, as fotografias podem ser “provas objetivas” dessas manifestações organizadas para forjar um apoio popular ao *Putsch* militar.

Na versão de Ghanata, o golpe militar se justificava para pôr fim à corrupção e ao despotismo do governo de Nkrumah. As forças armadas aparecem como uma entidade nacional acima do tribalismo ou do regionalismo, neutra em termos ideológicos e, por isso, capaz de arbitragem e de gestão da crise. Porém, a maioria dos golpes de Estado em África redundou em regimes militares.

Como foi mencionado anteriormente, muitos oficiais das forças armadas africanas foram formados pelas forças militares à época colonial. Poucos entre eles participaram nas lutas de libertação nacional, ao passo que muitos deles lutaram ao lado das forças coloniais. Escusado é lembrar que Kotoka ingressou com 21 anos de idade na *Royal West African Frontier Force*. Geralmente, os oficiais compartilhavam com os funcionários do Estado uma experiência comum de formação no estrangeiro e pela posição social que ocupavam, ambos os grupos tinham pontos de vista e de interesses semelhantes, além de uma aversão comum à mudança já que oficiais e funcionários desfrutavam das vantagens das organizações e instituições das sociedades africanas pós-coloniais. “Esta atitude encontra-se até mesmo na nova geração de oficiais e burocratas que dividem entre si o poder na sequência dos golpes de Estado”, observou Nkrumah (2018, p. 55).

15 e 19 de outubro de 1969, Daomé, em 10 de dezembro de 1969; e Lesoto, em 30 de janeiro de 1970.

¹³ The general public, from the very inception of the coup, should be kept informed, not necessarily of what is actually going on, but at least of what the rebels wish them to believe. The object of this is to influence the public in the action desired by the insurgents, and it is not necessary that the broadcasts correspond to the real situation. (*apud* NKRUMAH, 1965, p. 192).

Em sua análise sobre os golpes de Estado em África, Nkrumah os considerou um retrocesso para as sociedades africanas. Para as massas, a nova ordem era um engodo e elas acabavam se deparando com condições de vida análogas às daquelas da época colonial. Esse neocolonialismo podia ser ainda observado pela volta do poder dos chefes tradicionais e pelo uso repressivo do aparelho policial. Assim, reproduz-se uma situação semelhante à época colonial, na qual o governo se apoiava na administração, no exército e na polícia, bem como nos chefes tradicionais (NKRUMAH, 2018, p. 56).

Nkrumah identificara nas ações golpistas de certos oficiais militares, e na prevalência do tribalismo, um risco para a unidade africana. Em *Africa Must Unite*, livro publicado em 1963, o autor já denunciava a “balcanização” do continente africano em prol do neocolonialismo. Alguns anos depois, o álbum *Price of Freedom* trata de uma trajetória individual que se confunde com a situação neocolonial de uma nação africana. Cabe lembrar que Gana foi dirigida por militares entre 1966-1969, 1972-1979 e 1981-1992.

Passados mais de 50 anos de sua publicação, *Price of Freedom* serve de documento de uma época marcada por uma sucessão de golpes de Estado no continente africano e sobre a qual Ghanatta deu provas de uma visão pouco “iluminada” pelo Sol das independências. Sua viseira ideológica ofuscou a sua interpretação de certos acontecimentos na história política do Gana, o que faz de sua HQ um exemplo de um traço neocolonial nos primórdios da construção do campo artístico da África pós-colonial.

Considerações finais

Em 1967, quando Ghanatta publicou *Price of Freedom*, havia passado uma década da independência da antiga Costa do Ouro (atual Gana). Esses primeiros anos foram marcados por avanços e recuos em termos políticos, o que caracteriza o período pós-colonial, pois nele forças progressistas e reacionárias, anticoloniais e neocoloniais estavam presentes e não raro uma anulava a outra no campo político.

Em termos artísticos e memoriais, a HQ *Price of Freedom* não foi a única homenagem póstuma ao major-general Kotoka. No final de 1969, uma estátua em bronze do general Kotoka estava pronta no atelier do escultor britânico Sir Charles Wheeler, em South Kensington. No terceiro aniversário da morte de Kotoka, houve a inauguração dessa escultura no pátio do terminal do aeroporto internacional em Accra, onde o seu corpo havia sido encontrado em abril de 1967. Em imagens dessa inauguração podem ser vistas autoridades militares, religiosas e

civis, inclusive chefes tradicionais, num quadro neocolonial sem igual.¹⁴ *Price of Freedom* é um caso emblemático de HQ de procedência africana e integrada às formas de expressão narrativa contrarrevolucionária da África pós-colonial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOLTANSKI, Luc. La constitution du champ de la bande dessinée, **Actes de la recherche en sciences sociales**, n.1, p.37-59, 1975.

COOPER, Frederick. **L’Afrique depuis 1940**. Paris : Payot, 2012.

DELISLE, Philippe. **Bande dessinée franco-belge et l’imaginaire colonial: des années 1930 aux années 1980**. Paris: Karthala, 2008.

GHANATTA, Yaw B. **Cartoons - The Fall of a Tyrant: Kwame Nkrumah, Accra-Tema**, Ghana: State Pub. Corp., 1966.

_____. **Price of Freedom: Life of Kotoka from Birth to Death**. Accra-Tema, Ghana: State Pub. Corp., 1967.

JALLOW, Baba. From Saint to Devil: The Visual Transformations of Kwame Nkrumah in Accra Evening News Cartoons, 1961 – 1966. **Wiener Zeitschrift für kritische Afrikastudien**. N. 27, Vol. 13, p.79-103, 2014.

JANNONE, Christian. **La vision d’Afrique colonial dans la bande dessinée franco-belge des années trente à nos jours: Spirou, Tintin, Vaillant, Pif (1938-1993)**. Université d’Aix-Marseille (thèse de doctorat), 1995.

McKINNEY, Mark. **The Colonial Heritage of French Comics**. Liverpool: Liverpool University Press, 2011.

NKRUMAH, Kwame. **Luta de Classes na África**. São Paulo: Edições Nova Cultura, 2018.

_____. **Dark Days in Ghana**. London: Panaf, 1968.

_____. **Neocolonialismo – Último estágio do imperialismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

_____. **Africa Must Unite**. New York: Frederick A. Praeger, 1963.

PIERRE, Michel. L’Afrique en bande dessinée, in BANCEL, N. et al. **Images et colonies: Iconographie et propagande coloniale sur l’Afrique française de 1880 à 1962**. Nanterre : BDIC/Paris, Achac, p.241-245, 1993.

Recebido em: 10/03/2021

Aprovado em: 16/06/2021

¹⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=Z4LI99YwmQc> [acessado em 28 de abril de 2021].